

Olimpíadas

Estudar para vencer

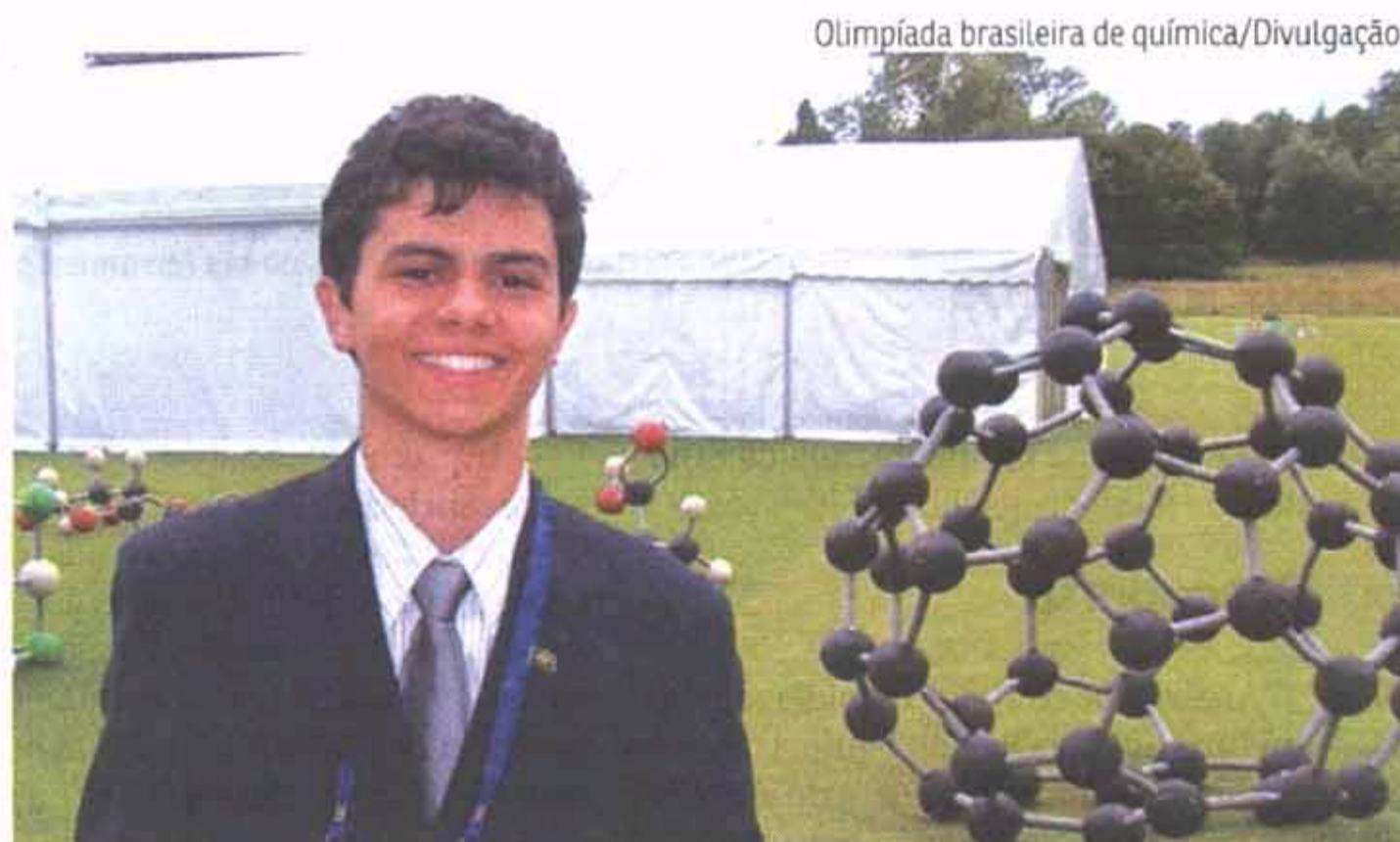
Saiba mais sobre a vida dos nossos atletas do conhecimento, que sonham com o pódio nas olimpíadas escolares

Quando a gente pensa em olimpíada, logo se lembra de atletas que desafiam os limites do corpo humano para vencer as provas e bater recordes. Agora, que tal explorar os limites da mente e provar que você é fera mesmo em uma matéria? Assim são os concorrentes das olimpíadas escolares, que encaram provas nacionais para depois competirem com a galera megalinteligente do mundo todo.

E se você acha que é coisa de alguns nerds e nada mais, fique ligado: no ano passado, por exemplo, foram inscritos 18.707.632 alunos de 44.673 escolas na Olimpíada Brasileira de Matemática de Escolas Públicas, (OBMEP). E se números não são o seu forte, não se preocupe: a galera também pode colocar tudo o que sabe à prova na Olimpíada Brasileira de Química (OBQ), na de Biologia (OBB), de Língua Portuguesa e até de História do Brasil. Saiba mais sobre a vida desses atletas do conhecimento.

Na prática

Para os jovens que fazem cursos técnicos ou de educação profissional, também rola a Olimpíada do Conhecimento Internacional, ou WorldSkills. O Brasil concorre em 25 das 46 categorias da competição, como tecnologia da informação, mecânica de refrigeração e revestimento cerâmica. Para disputar o WorldSkills, os países fazem suas próprias seletivas, a partir da pontuação mínima exigida internacionalmente. O Senai, com o apoio de instituições como o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) patrocina e apoia os participantes.



Olimpíada brasileira de química/Divulgação

Reconhecimento lá fora

As provas dessas olimpíadas são mais disputadas que os vestibulares e exigem muito tempo de preparação — imagine a responsa de representar seu país! Apesar de todo o sacrifício, essas competições são muitas vezes uma oportunidade de crescimento e reconhecimento não só nacional, mas internacional. Alguns alunos saem de cidades pequenas e melhoram de vida, e outros conseguem alcançar um sonho que parecia distante. Veja mais:

Embaixador da química

Nem dá para acreditar que o cearense **Levindo Garcia**, 19 anos, ia mal em química na escola. “Eu tinha muita dificuldade. Então, resolvi entrar nas aulas preparatórias na Universidade Federal do Ceará

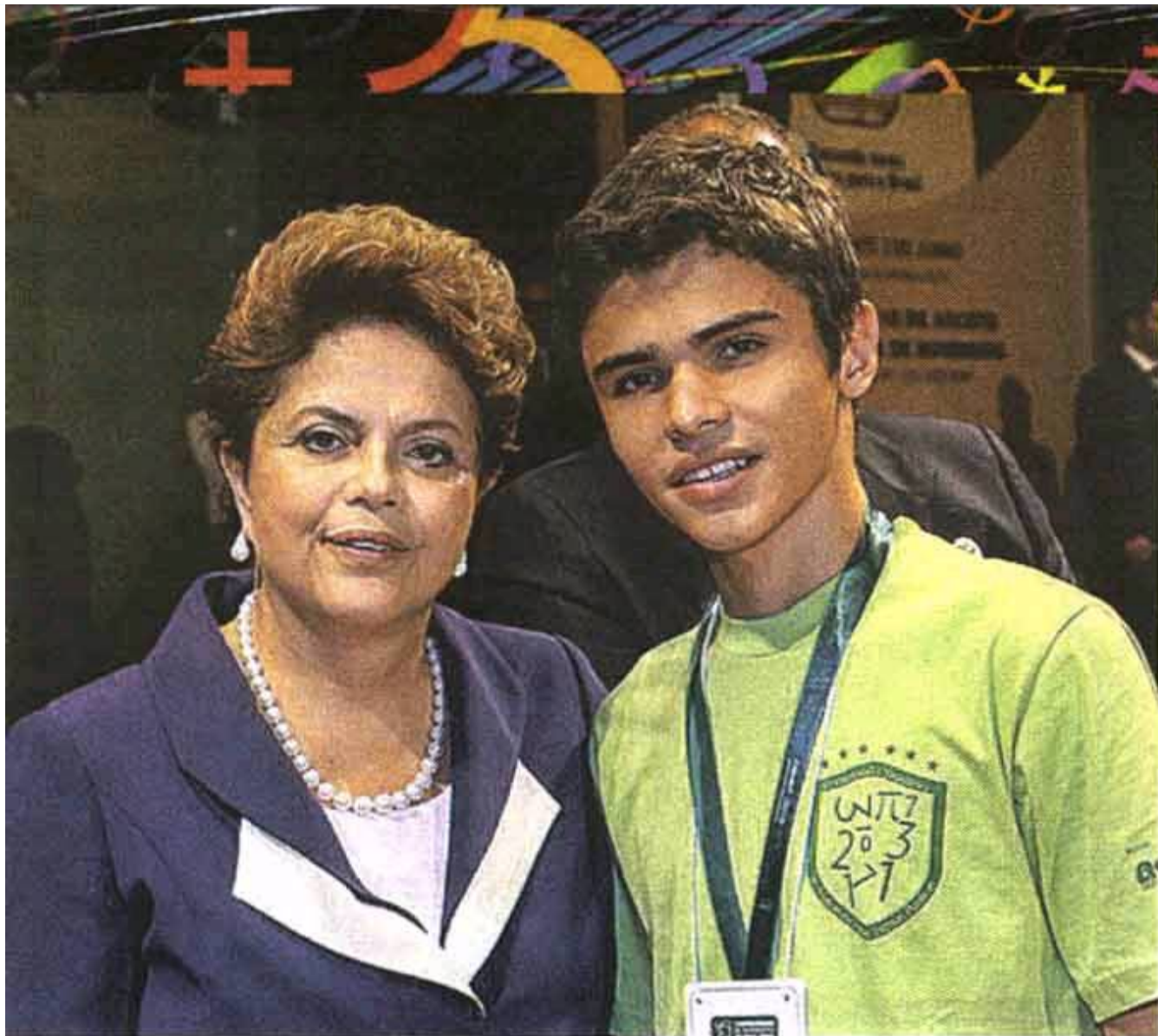
e na minha escola, Ari de Sá Cavalcante, para tentar melhorar, e acabei gostando muito”, ele conta. Tanto que Levindo venceu a etapa nacional da Olimpíada Brasileira de Química e ficou em segundo na etapa mundial, no Japão. Na competição ibero-americana, em Cuba, ficou com a medalha de prata. Por todos os seus méritos, Levindo acabou sendo convidado pela Unesco e pela Associação Petroquímica Europeia (EPCA) para ser embaixador da química do Brasil!

Hoje, Levindo estuda medicina na Universidade Estadual do Ceará e, em outubro, vai para a Alemanha participar de uma reunião da EPCA e comemorar o Ano Internacional da Química.

Conquista brasileira

Este ano a 43ª Olimpíada Internacional de Química terminou em 17 de julho, em Ankara, na Turquia. Tábata Cláudia Amaral de Pontes conquistou a medalha de bronze para o Brasil, com Raul Bruno Machado da Silva e Davi Rodrigues Chaves, que levaram o bronze e a prata, respectivamente.

Davi conta que começou a se interessar pela química ainda no ensino fundamental: “Gostava muito de ciências e, quando fui assistir à primeira aula de química específica para as olimpíadas, o professor fez uma experiência e me fascinei”. A experiência de conhecer outros países fazendo o que gostam é ainda mais empolgante para os jovens químicos. Tábata conta que foi fantástico viajar e conhecer pessoas de vários lugares do mundo. Ela mora sozinha perto



Obmep/Divulgação

eu cheguei perto e este ano, com a ajuda dos professores, espero conseguir a vaga.”

Medalhas da presidente

Sandoel de Brito Vieira, de 17 anos, e vindo da cidadezinha de Cocal dos Alves, no Piauí, não deixou as dificuldades de morar em um lugar tão remoto, e a quase 300km da capital, atrapalharem suas chances de vencer com a matemática. O menino já ganhou três medalhas de ouro e duas de bronze

na Olimpíada de Matemática Brasileira de Escolas públicas. Ficou mais famoso quando recebeu as medalhas da atual presidente Dilma Rousseff. Hoje, ele cursa matemática na Universidade Federal do Piauí.

“Sempre gostei de matemática, desde a infância. Aprendi com um professor que me mostrou o lado bom dos cálculos e números”, Sandoel relembra. “O grande problema em Cocal era a falta de acesso à informação, internet e essas coisas.” Os professores da Federal do Piauí se dispunham ir até a cidade e davam aulas extras aos estudantes que estavam se preparando para a olimpíada. “Talvez o segredo seja tornar o estudo algo prazeroso, o resto sempre se acertava”, filosofa Sandoel.

Nada de cuca fresca

Apesar de saber tudo de mecânica de refrigeração, **Willian Ramon Grassiotti de Sousa**, 19 anos, de Brasília, não tem tempo de esfriar a cabeça. Ele vai participar da final da Olimpíada do Conhecimento na área de mecânica de refrigeração, em Londres. Após fazer um curso no Senai, Willian foi convidado para participar da seleção para a competição, que tem etapas locais e nacionais. “Fiz uma prova escrita da qual apenas seis alunos entre milhares do Distrito Federal se classificaram. Na etapa nacional, apenas dois foram adiante, eu e um gaúcho, e venci”, conta Willian. “Agora estou estudando de 8 a 10 horas por

dia, não posso parar. Na prova final tenho 20 horas para montar um sistema de refrigeração completo, juntando a teoria e a prática.”

Robô campeão

Este ano, o Brasil competiu com 60 países e ficou em primeiro lugar na RoboCup, maior olimpíada de robótica do planeta, que rolou em Istambul, na Turquia. Com mais de 4 mil participantes, o melhor resultado como equipe individual ficou com Renato Ferreira Pinto Júnior (2º ano do ensino médio) e Wallace Souza Silva (hoje no 1º ano de engenharia mecatrônica da Unicamp). Competindo pela modalidade Resgate, em três dias de provas, totalizando nove rodadas, Renato e Wallace tiveram de programar um robô — que leva o nome de Hipérion — para cumprir a tarefa de salvar vítimas. O robô brasileiro, de 2,5kg, deixou no chinelo os japoneses e alemães, que ficaram respectivamente em segundo e terceiro lugares.

José Paulo Lacerda/Divulgação



da escola, em São Paulo, por causa das condições da família. “Eu teria que parar de estudar se morasse em casa mesmo, que fica a uma hora e meia da escola de ônibus. No começo minha mãe chorava muito, mas já tem um ano e meio, e agora estamos acostumados”, ela relembra.

Feras na biologia

Com uma rotina de seis horas de estudo por dia, e mais cinco no cursinho, **Pablo Ivo Ferreira**, do Rio Grande do Norte, 19 anos, foi o 4º colocado da Olimpíada Brasileira de Biologia. E mais: será um dos quatro participantes brasileiros na 22ª Olimpíada Internacional de Biologia, que vai rolar em Taiwan. “É surreal. Pra mim foi uma surpresa. Eu venho me preparando, mas não esperava”, ele conta. “Meu sonho é passar em medicina na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Ano passado

Olimpíada brasileira Internacional de Biologia/Divulgação



www.correiobraziliense.com.br



Confira o calendário das olimpíadas no *Eu,estudante*

Campeão dos números

O brasiliense Henrique Fiúza ganhou medalha de ouro em competição internacional, e espera multiplicar suas oportunidades com o novo programa Ciências sem Fronteiras



Daniel Ferreira/CB/D.A Press

Mariana Niederauer

A pilha de livros logo na entrada do quarto denuncia: ali mora um fã da matemática. Nada atrai tanto Henrique quanto os números. A música, a química e a física chegaram a ocupar um pouco do tempo do jovem de 15 anos, mas foram os cálculos que ganharam sua preferência. Hoje, além dos livros, ele coleciona quase dez medalhas em competições nacionais e internacionais de matemática, e acabou de levar a prata em mais uma, na Olimpíada Internacional de Matemática (IMO, na sigla em inglês), no sábado passado.

Henrique Gasparini Fiúza do Nascimento levou a prata na IMO da semana passada, mas subir ao pódio em competições de matemática não é novidade para ele. Ele é pentacampeão da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) e já ganhou medalhas de ouro e prata na Olimpíada Brasileira de Matemática (OBM), em 2009 e 2010, respectivamente. A premiação da IMO, porém, teve um valor especial por ser a primeira em competições internacionais.

Henrique estava entre os seis brasileiros que participaram da competição e fazia parte de um grupo ainda mais seletivo, pois era um dos três alunos que estudam na rede pública. Ele entrou no Colégio Militar de Brasília

no 6º ano do ensino fundamental. No total, 600 alunos de 100 países participaram da competição.

Mas Henrique não para por aí. No próximo semestre, ele participará de pelo menos quatro competições. Entre as mais importantes estão as duas internacionais, a do Conesul e a Iberoamericana. "Há três anos não imaginava ir para uma competição internacional", admite. "É mais pelo conhecimento que participo. Além disso, pode ajudar no meu futuro", completa Henrique.

Cálculos diários

Há anos que Henrique se dedica a estudar matemática para competições. "Era um desafio e, ao ver que tinha condições de participar, fiquei cada vez mais motivado", conta. O desafio imposto pelos cálculos fascina Henrique: "Ela (a matemática) consegue relacionar tantos fatos que parecem ser tão distintos e pode ser aplicada de várias maneiras, em situações práticas também". Hoje, o estudante já alcançou um nível de conhecimento superior ao que é exigido no colégio e estuda matemática diariamente. A dedicação não é só para as competições. Ele gosta de estudar. "Quando vamos para a praia ele leva o livro para o hotel. É difícil fazê-lo ficar duas semanas sem estudar", revela a mãe,

Daili Gasparini Fiúza do Nascimento.

Por ser medalhista da OBMEP, Henrique participa da Preparação Especial para Competições Internacionais (Preci). Uma vez por mês ele viaja para o Rio de Janeiro, participa de algumas aulas e discute a resolução de problemas de matemática com os outros alunos.

Desde pequeno Henrique mostrou que tinha facilidade para aprender. Aos quatro anos ele pediu que a mãe o ensinasse a ler. Daili começou a mostrar ao filho como as letras se uniam em sílabas para então formar palavras durante um fim de semana. No próximo, o menino já sabia ler tudo o que via pela frente. Assim, Henrique acabou pulando uma das séries do ciclo básico da educação e está cursando o 2º ano do ensino médio.

Henrique ainda não tem certeza sobre qual carreira seguirá, mas pretende fazer o curso superior fora do país. A mãe se surpreende com a resposta e diz que há algumas semanas a vontade do jovem era ingressar no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA). "Ele tinha um objetivo menor — não que fosse pequeno —, mas a participação nessa olimpíada no exterior abriu muito a cabeça dele", percebe Daili. "Ficamos muito felizes, muito orgulhosos. A nossa preocupação é como ele vai lidar com isso. Foi muito rápido", diz.

Além do pódio

A presidente Dilma Rousseff apresentou na semana passada as diretrizes do programa Ciências sem Fronteiras, que dará 100 mil bolsas de intercâmbio para brasileiros em fases distintas da educação, do ensino médio à pós-graduação. Desse total, 25 mil serão custeadas por empresas privadas. A intenção do governo é capacitar estudantes brasileiros nas melhores universidades do mundo em cursos da área de ciências exatas, onde faltam profissionais no país.

O anúncio foi feito durante a 38ª reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES). O ministro de Ciência e Tecnologia, Aloizio Mercadante (PT/SP), estava presente. Dilma ressaltou que a seleção dos alunos terá como critério o mérito. "Todos (os contemplados) vão ter de ter nota acima de 600 no Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), e daremos especial atenção aos alunos ganhadores de olimpíadas, notadamente a de matemática", disse.

Apesar de não conhecer os detalhes do processo seletivo do Ciência sem Fronteiras, Henrique acredita que é um forte candidato a concorrer a uma das vagas. "Ainda não conheço o programa, mas acho que é uma boa oportunidade", afirma. "Pode ser a chance da vida dele", comemora a mãe, Daili Gasparini Fiúza do Nascimento.